

Perseguição contra funcionários na USP

# “A mudança da universidade com a entrada de Rodas é total. Rodas é um ditador, ele não é um reitor”

Causa Operária entrevista Rosana Bullara fotógrafa no MAE (Museu de Arqueologia e Etnologia) da USP. É uma antiga funcionária que está sendo vítima de um processo farsa em seu departamento para forjar sua demissão

**Causa Operária - Há um processo na USP para sua demissão. Como isso é feito e qual é a previsão para sua finalização?**

**Rosana Bullara** – Acho importante frisar que o começo do processo se deu com base em uma situação de assédio moral que já existia há dois anos. Essa é uma prática que está se tornando bastante constante na USP. É uma forma de excluir as pessoas. Uma tática bastante diferente das anteriores. Há mais de 2 anos fui totalmente alijada da seção que trabalho, isolada numa sala sem janela, sem trabalho algum, sem que minhas chefias sequer me dirigissem a palavra. Contraditoriamente, o processo agora aberto tem com base o artigo 482, letras “b”, “e”, “h”, e “k”, da CLT, que prevê a demissão por justa causa por desídia (preguiça), desleixo com o trabalho, má vontade, insubordinação. Quem deu origem ao processo foi a vice-chefe Denise Dalpino de Sousa. Foi entregue em fevereiro, mas foi aberto em dezembro. Na realidade, trás

mesmo com candidato único, como foi o anterior. Claro que são todas “cartas marcadas” e é essa comissão que julga a procedência ou não do processo administrativo.

**Causa Operária** - Quais as medidas tomadas por você, até agora?

**Rosana Bullara** – A primeira foi contestar o processo a nível administrativo com provas concretas. Eu tenho muito material ao longo de tantos anos. É importante ressaltar que a universidade levou 32 anos para “descobrir” que não sou competente. Contraditoriamente, sou formada pela própria universidade, entrei no primeiro vestibular que fiz e sem curso nenhum. Quer dizer, rasgam o diploma deles mesmos. A outra linha de defesa é a política. Mostrar claramente que esta é uma forma de tirar, como eles já vêm fazendo, os militantes contrários aos desmandos, privatizações, terceirizações, fim de cursos, falta de professores, universidade à distância, entre tantos outros objetivos de Rodas, principalmente, os que estão

contra a USP para que fossem contratados e ganhamos. Depois, pedi transferência para a biblioteca da FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) e trabalhei como auxiliar de biblioteca, na Ciências Sociais e Filosofia. Mais tarde me profissionalizei e terminei o curso. Fotografava desde menina, sou filha de fotógrafo e fui para o Jornal da USP. Desde então, eu trabalho na área de comunicação, sou jornalista e fotógrafa. No MAE, eu exerço o cargo de fotógrafa, sou contratada para tal. Só que, por motivos não explicados, eu não fotografo há muito tempo, porque não me passam trabalho. Eu fiquei dois anos sem trabalho algum. Anteriormente, tudo que fazia nada tinha a ver com a fotografia.

**Causa Operária** - Você pode relatar um pouco de como é um ambiente de trabalho na USP? Você conhece outros casos de assédio moral?

**Rosana Bullara** – É necessário falar sobre isso porque se tornou um procedimento comum na USP. O assédio moral, tem causado muitas doenças nas pessoas. Em todas as unidades tem casos assim. As diretorias colocam as chefias, pessoas que não estão preparadas para nada, cruéis, capazes para fazer

tentaram suicídio. Outro, se matou mesmo. Todos assediados desenvolvem doenças como depressão, síndrome do pânico, gastrites, entre tantas outras. Depois, muito doentes, são punidos por tirarem licenças saúde. Isso tudo abala toda a parte de equilíbrio, de estrutura da pessoa, que se sente totalmente impotente. No meu caso, eu gosto muito do que eu faço. Gosto de editar jornal, fotografar, fazer matérias, reportagens fotográficas. Fiquei sem trabalho algum. Eu não tenho máquina fotográfica, nem equipamentos que são necessários para minha função. Nos eventos, foram chamadas pessoas que não tinham nada a ver com fotografia. A minha chefe passou a fotografar. A minha chefe direta, a Cida Santos, é técnica de museus, preparada para montagem de exposições. E, como chefe da seção de produção gráfica e áudio visual, ela passou a exercer as funções que queria. Ela gosta de fotografar e passou a fazê-lo. Inclusive, no início, pedi “alguns toques” meus, materiais para ler. Então, passou a fazer todas as fotos da unidade. Fiz um jornal no MAE, 26 páginas, tablóide, a pedido do diretor, seguindo uma ideia minha. Inclusive, trabalhou como Freelancer, na editoração eletrônica, a Laura Fuser, jornalista e estudante de ciências sociais, na Usp. Ela não recebeu um tostão pelo que fez e quando o jornal estava pronto para ir para gráfica, foi descartado, sem satisfação alguma. Uma das responsáveis por isso é a Cida Santos que, ao assumir a chefia, ironizou: “Jornal? Precisamos ver se esse jornal vai continuar”. Tudo que produzi foi descartado, sem motivo. E, por incrível que pareça, neste processo eles me acusam de não fazer nada, de incompetência para fazer o que eu faço.

As pessoas com mais consciência entendem a situação que o cara está passando. Mas as pessoas que não vão com a cara da pessoa, por algum motivo, ou não conseguem entender esse processo, consideram esse cara um vagal.

Ele é isolado e, pior, vai ficando cada vez mais doente. Hoje eu gasto cerca de quinhentos reais em remédios por mês, ou mais. Eu tenho depressão profunda e síndrome do pânico. Comecei a não conseguir fotografar. Eu pego uma máquina e começo a tremer. Acabei comprando a ideia de que não consigo. Ultimamente, adquiri o transtorno pós-traumático. Todas as vezes que vou para o trabalho, para o MAE, eu passo mal, tenho pânico, suor e outras coisas. E nesta situação se encontram muitos funcionários da USP e a gente nem tem conhecimento. E esta situação, criada por eles mesmos, serve de argumento para abrirem o processo contra mim.

Essa questão do assédio moral deve ser aprofundada. O capitalismo se aprimorou barbaramente em torturar o trabalhador. Beira a tortura física, eu acho que é paralela a tortura física, é mental. O capitalismo se aprimorou em destruir o ser humano na base. No seu mais íntimo fórum, para eliminar as criaturas que questionam e para substituí-las por outras, melhores para os intuídos desse sistema. Isso não acontece somente na universidade. E só quem realmente passa por essa situação é que sabe o quanto isso é humilhante e acaba com o cara físico e emocionalmente. Quem nunca passou por isso, que não se engane: qualquer momento pode se ver na mesma situação.

No meu caso, por ter uma militância política, eu consigo me segurar um pouco. Mas

eu fico imaginando a pessoa que não tem. Eu acho que é muito mais complicado, embora para mim também seja muito difícil.

**Causa Operária** - Você percebeu mudança, neste sentido, com a entrada do reitor-interventor Rodas?

**Rosana Bullara** – Total. Antes disso era feito nas unidades, de uma forma aleatória. Agora é totalmente orquestrado pela reitoria. A mudança da universidade com a entrada de Rodas é total. Rodas é um ditador, ele não é um reitor. Ele foi colocado lá para ser um ditador. Ele é uma total contradição histórica, num momento em que se fala em democracia, teoricamente. Eu não acredito nisso. Mas, na USP, não se elege o reitor e por não participarmos são colocadas pessoas como o Rodas, que a meu ver, bate em reitores da ditadura. Na época da ditadura, os reitores não tiveram as atitudes que tem o Rodas. Rodas além de um ditador é um cara extremamente desequilibrado e muito bem direcionado para os propósitos burgueses para a universidade. Ele vem para mudar a universidade totalmente. Em última instância, deixá-la privatizada. Hoje, são grandes os números de cursos pagos na USP, de maneiras indiretas, como nas fundações, como aquela que foi criada agora junto à FEA. O mesmo curso que é dado na FEA, Faculdade de Economia, é dado por uma fundação, só que é pago. Quem não conseguiu entrar na FEA vai lá e paga se puder e concordar. A mudança é total. A Suely Vilela já foi uma reitora bastante dura, mas não tinha toda esta clareza para a mudança da universidade que a burguesia exigia. O Rodas vem para este propósito.

Desde que ele veio, a universidade está sendo destruída. As pessoas estão sendo tiradas de seus locais de trabalho, jogadas para trabalhar longe do campus universitário, uma mudança de vida total. As pessoas estão sendo deixadas de lado ou demitidas. A própria produção da universidade está voltada para algo que não é o papel de uma universidade pública e gratuita. Rodas é o que pega todas as questões de assédio, de repressão política dos funcionários. Está tentando colocar planos de saúde, acabar com o HU, que passa a não ser o nosso “convênio”. Ele tenta, com isso, falar que vai ser melhor. Mas ele está apontando com os planos de saúde como as grandes empresas que, na maioria, são muito ruins. Alimentação é outro problema. Ele fechou o restaurante da física. Só estamos com o restaurante central e o da Química, que já é terceirizado. Ao que tudo indica os funcionários não vão mais ter o restaurante como uma forma de se alimentar na universidade.

**Causa Operária** - Você já foi diretora do sindicato dos funcionários, participou de diversas greves e ocupações em defesa da universidade. A que você atribui esta perseguição agora?

**Rosana Bullara** – Eu acho que são várias as razões. Primeiro, o acúmulo de atividade. Eu fui diretora do DCE em plena ditadura, participei da reconstrução da UNE (União Nacional dos Estudantes), da UEE (União Estadual dos estudantes), fui editora do jornal e depois disso tenho participado como conselheira de base, nas comissões de mobilização e nas greves. Acho que existe um acúmulo grande de experiência e participação política e Rodas aproveita para tirar pessoas

que tenham este histórico de lutas, do corpo funcional da universidade. O mesmo está acontecendo com os estudantes, 24 estão sendo processados e correm o risco de serem expulsos. A outra coisa é que, independente de a pessoa participar mais ou menos, ele não quer nenhum tipo de contestação na USP. Ele tem que tirar toda e qualquer pessoa que questione as atitudes dele, que fale contra seus desmandos. Ele colocou como diretores, nas unidades, pessoas capazes de levar seus planos a cabo, custe o que custar. São diretorias voltadas para fundações que visam obter dinheiro para seu próprio benefício. Nesse momento em que o capitalismo está com várias contradições acirradas é necessário que se elimine as cabeças pensantes e que são contrárias a esses objetivos, que queiram um mundo diferente do que vivemos.

**Causa Operária** - A partir de suas experiências, pode dizer quais meios você acredita serem possíveis para enfrentar este aumento da repressão, as sindicâncias, demissões e expulsões de estudantes?

**Rosana Bullara** – Eu nunca vi isso. São 24 estudantes ameaçados de expulsão. Eu não lembro disso nem nos anos de ditadura. Quando fui da diretoria do DCE e depois do SINTUSP (antes ASUSP) não lembro de expulsões de estudantes. Eu acho que só existe uma coisa que pode ser feita. E é a única coisa que eu acho que pode ser feita no Brasil e no mundo. A única possibilidade é a organização dos estudantes e dos trabalhadores para lutar contra essa forma de poder que é totalmente contra os interesses do povo. É a mobilização, organização e a luta do povo por um mundo diferente que não é um mundo capitalista. Eu acho que temos exemplos muito legais que estão acontecendo em outras partes do mundo como no Egito, na Líbia, na Tunísia. A luta contra estas ditaduras, sejam elas institucionalizadas ou não. No Brasil não temos institucionalizada uma ditadura, mas também não temos um governo voltado para os interesses do povo. É um governo distante dos interesses do povo. Eu só vejo uma forma de barrar isso na universidade, no Brasil e no mundo: a organização dos trabalhadores e dos estudantes rumo a um mundo comunista. Eu considero que somente uma mobilização pode barrar essas atitudes. O professor Chico de Oliveira disse, e eu faço minhas as palavras dele, que não tem meio termo. Ou sai o Rodas ou saímos nós. Eu acredito que se passar a minha demissão, depois da demissão do Brandão, depois do processo contra os estudantes da moradia retomada, sofreremos uma grande derrota. A moradia do CRUSP foi toda tomada, nunca foi cedida. É muito importante dizer que nessa luta contra Rodas, vários intelectuais, professores, até juristas como Souto Maior, tem se mobilizado, produzido textos contra a universidade do Rodas e falando sobre a universidade necessária para o povo, para os trabalhadores. Eu acho que essa união dos trabalhadores e dos professores é que pode tirar o Rodas. Na minha opinião, temos que ser radicais. Isso é fundamental. Não podemos perder mais nenhum estudante ou funcionário. É fora Rodas mesmo! E que toda a comunidade faça uma estatuinte para eleger o próximo reitor. Afinal, existe uma grande contradição no que vivemos, pois já elegemos até o presidente... ✪



Rosana Bullara funcionária perseguida e ameaçada de demissão na USP.

documentos produzidos por minha chefia em 2009 e 2010, sem que eu tivesse conhecimento. É claro que por trás dessa tentativa existe a decisão política de me eliminar, como um “piloto de prova”, para a eliminação de outras pessoas que tenham estabilidade e, por vários motivos, não interessem ao projeto de universidade privatizada, que o reitor ditador Rodas quer implementar. Já foram demitidos 271 aposentados que continuavam na ativa, por acordo firmado com a própria reitoria. Estas pessoas não tinham estabilidade. Rodas quer uma USP que esteja voltada para os interesses das indústrias e das grandes empresas, não para as necessidades da população.

**Causa Operária** - Quem é a comissão?

**Rosana Bullara** – Isso é muito complicado. Eles fizeram o processo e indicaram toda a comissão processante, que é composta pela profa. Elaine Farias Veloso Hirata, do MAE (Museu de Arqueologia e Etnologia), a profa. Vânia Carneiro de Carvalho, do Museu Paulista e o Dr. Salvador Ferreira da Silva, procurador da procuradoria geral da reitoria. A diretora é a profa. Maria Beatriz Borba Florenzano, que tomou posse ano passado. Ela foi a única candidata e não teve nem eleição. Há muito tempo fazíamos eleições no Museu,

há mais tempo e se colocam na linha de frente. O Brandão (Claudionor Brandão, diretor do Sindicato dos trabalhadores, SINTUSP, perseguido e demitido político em 2008) sofreu um processo parecido com o meu. Ele tem chances de ser reintegrado pela Justiça do Trabalho, uma vez que o processo foi todo irregular. O mais importante é a luta política que se insere na luta mais geral, de toda a comunidade, contra todas as tentativas do reitor Rodas de acabar com a USP, luta que interessa à população, à maioria do povo. Nisso entram todos que puderem dar este apoio e estar nessa luta.

**Causa Operária** - Há quantos anos trabalha na USP? Em quais áreas?

**Rosana Bullara** – Eu entrei para estudar na USP em 1977 em Ciências Sociais, na FFLCH e comecei a trabalhar na reitoria, fazendo um trabalho administrativo. Era um trabalho só para estudantes. Não tinha nenhuma bolsa trabalho. Agente chamava de “bóia-fria” e eles chamavam de “tarefeiros”. Nós éramos cerca de 70 trabalhadores/estudantes, por hora ou por produção, para registrar diplomas. Havia um atraso de 30 mil e eles não queriam contratar funcionários para tirar esse atraso. Com o tempo tivemos vínculo empregatício, movemos uma ação

o papel de capatazes. Com isso, esses monstros deixam os funcionários em uma situação de humilhação total. Eles os tiram das funções que deveriam exercer. Passam a vigiar o funcionário 24 horas por dia. Todo o tempo que o funcionário está lá e também quando não está. É literalmente seguido. Todo mundo sabe aonde ele vai, a hora que vai ao banheiro e quanto tempo demora. Tenho conhecimento de alguns casos na Coseas (Coordenação de Assistência Social) de pessoas que, no banheiro, foram questionadas por que estavam demorando muito. A prática mais usada além da perseguição, da fiscalização e da vigilância constante de todos os passos do funcionário é a questão do trabalho. O trabalhador passa a não ter nada para fazer. Ou ele é massacrado com uma quantidade de trabalho absurda ou é cobrado de um trabalho que é impossível ser feito. Colocam a pessoa num canto qualquer, normalmente em um lugar insalubre, sem mesa, sem equipamento, sem nenhum contato com os demais funcionários. Eles isolam a pessoa. Ele é cobrado do horário, não pode chegar dois minutos atrasado e nem sair dois minutos antes. Diferente de todo o resto da unidade. E para fazer nada. Passa a ser uma persona non grata. Alguns trabalhadores